

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Teatro das Mesmas Caras: Como a Televisão Pública Recicla o Fracasso e Chama-lhe Debate de ideias

Publicado em 2026-03-25 22:43:51



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O comentário político televisivo continua dominado por figuras oriundas do mesmo ecossistema partidário e institucional.
- O serviço público tem obrigações formais de pluralismo e diversidade, mas isso não garante diversidade real de pensamento.
- A RTP é financiada maioritariamente pela Contribuição para o Audiovisual, suportada pelos consumidores.
- O debate televisivo tende a reciclar respeitabilidade e consenso, mais do que a abrir espaço a crítica disruptiva.
- Um espaço público capturado por elites recicladas torna muito mais difícil a emergência de alternativas para o país.



Pública Recicla o Fracasso e Chama-lhe Debate

Há regimes que se defendem pela força. Outros pela propaganda. Os mais decadentes defendem-se recirculando, noite após noite, as mesmas vozes gastas que ajudaram a fabricar o desastre.

Há qualquer coisa de profundamente obsceno no espectáculo repetido do comentário político televisivo em Portugal. Não porque se debata política — isso seria desejável numa democracia viva. Mas porque aquilo a que chamam debate é, demasiadas vezes, apenas a recirculação solene das mesmas figuras que há décadas orbitam o poder, a administração, os partidos, os ministérios, as câmaras, as universidades domesticadas e os corredores almofadados da respeitabilidade nacional.

São quase sempre os mesmos. Ex-governantes falhados transformados em comentadores graves. Antigos ministros colocados em prateleiras douradas da opinião. Políticos que

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

janela.

Ao lado deles, desfilam com frequência figuras académicas muito polidas, muito teóricas, muito competentes no vocabulário, mas quase sempre desligadas da tensão concreta da economia real, da vida das empresas, do risco produtivo, da inovação material, do sofrimento administrativo e fiscal que esmigalha quem está fora do perímetro protegido do Estado e dos partidos. Falam muito do país, mas raramente a partir da fricção com o país verdadeiro.

O pluralismo de catálogo e a esterilidade do pensamento

Dir-se-á, com a liturgia habitual, que o serviço público tem deveres de pluralismo, diversidade e representação das várias correntes de opinião. E é verdade. Essa obrigação existe. Está inscrita na gramática oficial do sistema. O problema é que o pluralismo formal não basta. Pode haver pluralismo de catálogo e, ainda assim, uma pobreza quase absoluta de pensamento vivo.

Porque uma coisa é ter pessoas de proveniências partidárias diferentes sentadas à mesma mesa. Outra, muito diferente, é ter verdadeira diversidade de visão, de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

reverência ao mesmo edifício doente.

É por isso que tantos debates parecem tão previsíveis, tão plastificados, tão incapazes de gerar futuro. O espectador mais atento percebe ao fim de poucos minutos que está perante um teatro civilizado da impotência. Há vocabulário, compostura, gravidade, estatuto, pequenas divergências de superfície. Mas o essencial permanece intocado: ninguém ali está verdadeiramente disposto a pôr em causa o regime de intermediação partidária que lhes deu palco, currículo e legitimidade.

Quem fabricou o impasse não o vai romper

Esta é a verdade que o sistema evita pronunciar: quem ajudou a construir o impasse raramente será quem o romperá. Pode diagnosticá-lo em tom professoral. Pode comentá-lo com sobranceira franzida. Pode até condenar os seus sintomas mais visíveis. Mas dificilmente o romperá. Porque romper exigiria denunciar não apenas os erros dos adversários, mas o ecossistema inteiro de cumplicidades, carreiras cruzadas, blindagens institucionais e mediocridade bem vestida em que essas figuras foram moldadas.

Ora o sistema não chama para o centro do ecrã quem queira dinamitar a sua arquitectura profunda. Chama, isso

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tranquilidade dos aparelhos.

Assim, o comentário político transforma-se num mecanismo de contenção. Dá-se ao público a ilusão de que tudo está a ser discutido, quando na verdade quase nada de estrutural está realmente em causa. O debate existe para arejar, mas não para abalar. Para administrar o mal-estar, não para permitir que dele nasça uma ruptura.

O serviço público pago pelo povo, ocupado pelos notáveis reciclados

A gravidade disto aumenta quando falamos de televisão pública. Porque aí já não estamos simplesmente perante um canal privado a servir audiências e interesses comerciais. Estamos perante uma estrutura financiada em larga medida pelos próprios cidadãos. E isso muda radicalmente a escala da exigência.

Se o povo paga, tem o direito de esperar mais do que um salão rotativo de notáveis gastos. Tem o direito de esperar mais do que o desfile respeitável daqueles que já estiveram perto do poder, dentro do poder ou pendurados no poder. Tem o direito de exigir que o serviço público seja realmente público, isto é, aberto à inteligência livre, à crítica funda, à

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

espaço financiado pelo esforço dos contribuintes, mas ocupado por elites recicladas que conversam entre si sobre a degradação nacional como se fossem observadores externos e não parte da engrenagem que trouxe o país até aqui. É uma encenação quase perfeita da irresponsabilidade elegante. Os mesmos que falharam tornam-se depois intérpretes autorizados do falhanço.

A universidade ornamental e a política sem risco

Há ainda outro elemento particularmente português neste quadro: a presença ornamental de uma certa universidade sem chão. Não da academia séria e ligada ao real, mas daquele professorado teórico, muitas vezes muito fluente na análise de modelos, transições, cenários e enquadramentos, mas pouco exposto ao embate concreto da criação de riqueza, da vida empresarial, da inovação tecnológica, da gestão de risco e da brutalidade administrativa que esmaga quem produz fora da bolha estatal.

Essas figuras, quando entram no comentário político, tendem a reforçar a sensação de suspensão. Pairam sobre o país real como satélites conceptuais. Explicam tudo, mas raramente trespassam o tecido do problema. Produzem interpretação, não ruptura. E num país que precisa

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O resultado é uma esfera pública onde quase tudo parece razoável, mas quase nada parece vivo. Tudo é muito politicamente correcto, muito calibrado, muito compatível com a continuidade. Falta aquele gesto raro e perigoso que desorganiza a mediocridade. Falta a frase que não cabe no molde. Falta a pergunta que expõe a podridão do mecanismo inteiro.

A máquina de impedir o futuro

E é aqui que o problema deixa de ser televisivo e passa a ser histórico. Um país que entrega o espaço público sempre às mesmas caras, ou a rostos novos moldados pela mesma mediania, está a impedir a emergência de alternativas reais. Está a esterilizar o debate antes mesmo de ele começar. Está a dizer às gerações seguintes que só há lugar para quem já pertence à casta discursiva autorizada.

Assim se garante a continuidade putrefacta. Não por cinquenta dias, nem por cinco anos, mas por décadas. Porque um sistema destes não se limita a errar: reproduz-se. Cria o seu próprio circuito de legitimação. Fabrica comentadores, ex-governantes, quadros intermédios, especialistas homologados e vozes seguras. Recompensa a previsibilidade, pune a dissonância e trata a crítica

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fechado na sala abafada do seu comentário oficial, continua a ouvir os mesmos sacerdotes da adaptação explicar, com tom grave e linguagem polida, porque motivo nada de decisivo pode realmente mudar.

O país real não está representado naquele estúdio

Entretanto, o país real continua lá fora, sem voz equivalente no grande palco. Está nas empresas sufocadas, nos técnicos sem palco, nos empreendedores sem padrinhos, nos trabalhadores exaustos, nos criadores que não pertencem a clãs, nos inconformistas sem cartel de legitimidade. Está na inteligência anónima que não tem acesso ao círculo de convidados permanentes. Está nas pessoas que vivem o país como problema concreto e não como tema abstracto de fim de noite.

Essas vozes quase não entram. E quando entram, entram em dose homeopática, para não perturbar o equilíbrio da vitrina. O sistema mostra abertura sem se abrir. Faz concessões simbólicas sem permitir contaminação real. E assim mantém o controlo do perímetro: a aparência de debate, a realidade de clausura.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

uma ronda de comentadores reciclados a comentar a falência do país como quem comenta o estado do tempo. Isto é uma doença do espaço público. Uma doença que mistura endogamia partidária, cobardia editorial, conformismo académico e um serviço público demasiadas vezes incapaz de romper com o seu próprio círculo de respeitabilidade estéril.

Chamar debate a esta recirculação de falhados, acomodados e teóricos sem risco é quase uma ofensa à inteligência dos espectadores. É como convidar os arquitectos do desabamento para moderarem, em horário nobre, uma conversa sobre a solidez do edifício.

E enquanto isto continuar, a continuidade putrefacta estará efectivamente protegida. Porque um regime só muda a sério quando o espaço público deixa de ser controlado pelos seus ex-sacerdotes, pelos seus funcionários honorários, pelos seus intérpretes cansados e pelos seus académicos de aquário.

Epílogo

Portugal não precisa de mais uma volta da roleta das mesmas caras. Não precisa de mais um painel de reciclados a comentar a ruína que ajudaram a preparar. Não precisa de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

com chão. De pensamento livre, até incómodo. De gente que não tenha de pedir autorização ao sistema para lhe dizer que está podre.

Porque quando um país entrega o seu debate público aos mesmos responsáveis da sua decadência, já não está a pensar o futuro — está apenas a embalsamar o fracasso.

E uma nação entra em decomposição acelerada quando chama pluralismo à recirculação dos mesmos cúmplices e chama debate ao monólogo polido da sua própria mediocridade.

Referências

RTP Play — programa de debate político da RTP, apresentado como espaço de discussão e análise.

ERC — enquadramento regulatório sobre pluralismo político e diversidade sociocultural na comunicação social.

RTP — plano de actividades e enquadramento financeiro, incluindo a relevância da Contribuição para o Audiovisual no financiamento do serviço público.

Conselho de Opinião da RTP e documentos estratégicos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Francisco Gonçalves

Para o **Fragmentos do Caos**

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**

Frase Final

“O cinzentanismo provinciano não é apenas uma paisagem da alma portuguesa: é a técnica lenta com que a mediocridade transforma um povo inteiro em espectador resignado da sua própria decadência.”

Nota Editorial

Em Portugal, o problema já não reside apenas na incompetência de quem governa ou na pobreza de visão de quem comenta. O problema tornou-se mais fundo e mais viscoso: a institucionalização de uma cultura pública sem rasgo, sem risco e sem horizonte. Um país inteiro mantido entre o ruído da televisão, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

não se apresenta como tirania, mas como normalidade. E é precisamente aí que reside o seu poder mais sinistro: fazer da estagnação uma virtude, da resignação uma maturidade e da ausência de futuro uma forma aceitável de existência colectiva.

- Francisco Gonçalves (2026), mas poderia ser de 2016 ou 2006.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)